

Barulhos da língua:

A interpretação
entre a fala
e a escrita.

FINEZAS E SUTILEZAS

Maria do Carmo Dias Batista



Finezas e sutilezas

Maria do Carmo Dias Batista

"A orientação para o singular não quer dizer não decifrarmos o inconsciente. Ela quer dizer que essa exploração encontra sempre necessariamente um obstáculo, que essa decifração se interrompe no fora do sentido do gozo e que, ao lado do inconsciente, onde isso fala – e fala a cada um porque o inconsciente é sempre sentido comum – há o singular do sinthoma, onde isso não fala a ninguém. Razão pela qual Lacan o qualifica de acontecimento de corpo."

Jacques-Alain Miller¹

O fragmento acima encontra-se na sexta aula do curso de 2008-2009 de Jacques-Alain Miller, *Choses de finesse em psychanalyse*, de 17 de dezembro de 2008. Em português, extratos do curso estão publicados no livro *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan*, com o nome "Coisas de fineza em psicanálise". Na tradução ao espanhol, recebeu o título de *Sutilezas analíticas*.²

O curso trata, sobretudo, do psicanalista. Miller toma dois guias: a sutileza do ato falho de Freud³, sutileza de admitir, em 1938, seu egoísmo recalcado em generosidade "não-quero" [... dar o presente; é para mim!] e o espírito de fineza de Pascal, antônimo do espírito da geometria, ou seja, o contrário do matema. Miller quer esclarecer o final do último ensino de Lacan, tomando a teoria dos nós como "tentativa de flexibilizar o matema [...], de torná-lo capaz de capturar as coisas de fineza".⁴

1 MILLER, J.-A. *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan. Entre desejo e gozo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 97.

2 MILLER, J.-A. *Sutilezas analíticas*. Buenos Aires: Paidós, 2011, p. 9.

3 FREUD, S. "A sutileza de um ato falho" [1938]. In.: *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, Vol. XVIII, 2010, p. 475.

4 MILLER, J.-A. *Perspectivas*. op. cit. p. 28.

Fineza e sutileza são adjetivos certos para falar da posição do analista na decifração (ou não) do inconsciente e de seu obstáculo, o gozo, bem como para falar do sinthoma como acontecimento de corpo. Os dois pontos estão articulados no fragmento, pois o inconsciente faz nó com o sinthoma, conforme Lacan na conferência “Joyce, o sinthoma”.⁵

Há uma separação radical entre o inconsciente-saber-sintoma-interpretável e o acontecimento-sinthoma, excluído do saber, porém não do inconsciente (real). A fineza do analista consistiria em diferenciar qual terreno clínico está em jogo, pois, “a orientação para o singular não quer dizer não decifrarmos o inconsciente. [Porém,] a decifração se interrompe no fora do sentido do gozo [...] e, ao lado do inconsciente, há o singular do sinthoma”.⁶

Difícil conceber acontecimento e sinthoma sem a interposição do corpo. Especialmente o sinthoma, cuja etimologia indica, desde os primórdios da medicina, índices, sinais e acontecimentos no corpo. Em Joyce, há o corpo tomado como casca de fruta madura depois de uma surra, estranheza, corpo fora do corpo... sem dúvida um acontecimento que demonstra a externalidade do escritor em relação a seu corpo.⁷

Em “Corpo, carne, cadáver”⁸, Miller esmiuça três acepções do corpo em psicanálise: o do estádio do espelho, imaginário, corpo propriamente dito. Depois, há o corpo do gozo, Miller o denomina “carne” e o vincula ao real. Finalmente, o corpo simbolizado, o *corpse*, designado por “cadáver” e articulado ao simbólico.

O singular do sinthoma “onde isso não fala a ninguém”, como está no fragmento, será relativo ao gozo, à carne, ao acontecimento de corpo-carne, “aquele cuja consistência é de gozo”.⁹ Mas, o sinthoma se repete e, nesse movimento, rotiniza o excesso de gozo.

A repetição coloca na ordem do dia os restos de trauma (de real) transformados em sinthoma. E, também, no “pós-analítico”, é a repetição a advertir o sujeito da âncora constituída pelo sinthoma.

Pensar o inconsciente a partir do gozo é uma das apostas do último ensino de Lacan. A sutileza do analista consiste em ser, ele próprio, um sinthoma. Diz Miller sobre o analista na continuação do fragmento: “dar-se ares de acontecimento de corpo, de semblante de traumatismo. E terá muito a sacrificar para fazer jus a ser, ou a ser considerado, um naco de real”.¹⁰

Entre finezas e sutilezas do analista, resta articular, dos desdobramentos do fragmento na mesma lição, a “natureza de defesa do inconsciente”¹¹, ou seja, na interpretação, para além da decifração e do sentido, trata-se de atralhar, de desmontar a defesa inconsciente.

5 LACAN, J. “Joyce, o sinthoma”. In.: *O Seminário – livro 23. O sinthoma*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 163.

6 MILLER, J.-A. *Perspectivas*. *op. cit.* p. 97.

7 SILVA, R. F. et al. *Bleuler, Freud, Lacan, Miller*. Belo Horizonte: Scriptum (no prelo).

8 MILLER, J.-A. “Corpo, carne, cadáver”. In.: BATISTA, M. C. D.; LAIA, S. (orgs.). *A psicose ordinária: A Convenção de Antibes*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012, p. 337.

9 MILLER, J.-A. *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan*. *op. cit.*, p. 97.

10 *Idem*, p. 97-98.

11 *Idem*, p. 97.

Se o inconsciente é a própria defesa contra o real, a interpretação visa a perturbá-la, quer dizer, fazer *ressoar*, na interpretação, o nó do corpo com a língua. De alguma maneira, impactar o corpo com a língua.¹²

Equívocos, homofonias, gramáticas, sons, gestos... uma espécie de corpo a corpo entre a interpretação e seu impacto no analisando.

Em suma, ter a sutileza de escutar os *barulhos da língua*.

12 SEYNHAEVE, B. "Não sem os corpos (1)". In.: *Almanaque on-line do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais*. Belo Horizonte, número 27, 19 de julho de 2021.